

RESENHA CRÍTICA SOBRE O LIVRO *O LUGAR DAS ILHAS (2021)*, DE SÓNIA SULTUANE

Sávio Roberto Fonseca de Freitas (UFPB)

*“As palavras que te dou
são o que sou,
são o que sinto,
e como me sinto,
essas são as minhas palavras: EU”.*
(SULTUANE, 2006, p. 29)



De uma ilha chamada Sónia Sultuane

Ler a poesia de Sónia Sultuane requer uma disposição imaginária que extrapola todos os limites da imprevisibilidade. Como nos atesta a poeta na epígrafe acima, para navegar em sua poesia é preciso conhecer as palavras que dá, como é, como sente e como se sente. Consagrada como um dos

nomes mais promissores da autoria feminina moçambicana na contemporaneidade, Sultuane é autora de quatro livros de poesia: *Sonhos* (2001), *Imaginar o poetizado* (2006), *No colo da lua* (2009) e *Roda das encarnações* (2016). O exercício poético é um percurso inevitável ao projeto artístico desta musa do Índico. Também artista plástica, em várias exposições faz as palavras ganharem o mundo com o projeto *Walking Words/Palavras que andam*.

Para comemorar seus vinte anos de carreira, Sónia Sultuane nos convida para mais uma ousada viagem promovida pela poesia e pela movência das palavras: seu quinto livro de poesias, intitulado *O lugar das ilhas*. Uma coletânea de oitenta e cinco poemas subdivididos em cinco seções, a saber: *Água*, *Vozes*, *Feitiços*, *Brisa da Alma* e *Palavras*. Fazer nascer uma ilha imaginária é uma forma de também mostrar a maturidade poética, as ilhas são vulcões adormecidos que se formam por meio dos magmas em contato com as águas do mar. Terra, fogo, água e ar são os elementos que circundam esta transformação geológica que se amplifica pela adesão de um quinto elemento: a palavra poética.

O lugar das ilhas

Parecemos tantas coisas,
mas poucas coisas somos,
o lugar das ilhas.
Parecemos tantas coisas,

mas poucas coisas somos,
um lugar de ilhas.
Parecemos tantas coisas,
mas poucas coisas somos,
no lugar das ilhas
(SULTUANE, 2021)

Iniciando o ciclo da *Água* e mantendo a tradição de deixar chaves de interpretação em poemas homônimos, a voz poética de Sónia Sultuane, tal como uma sereia do Índico, enfeitiça seu leitor com o canto da palavra. Com a repetição dos versos “Parecemos tantas coisas,/ mas poucas coisas somos”, o canto se apresenta como um mantra de sedução movimentado pelo balanço das águas que beijam a margem de terra firme em que se encontra um leitor-náufrago a embarcar nas tantas descobertas que as ilhas podem oferecer. A repetição destes versos também denota o olhar circular de descoberta de território ainda desconhecido. Os versos o “lugar das ilhas, um lugar de ilhas e no lugar das ilhas” sugerem noções híbridas e interpretações múltiplas de espaço. O verso “o lugar das ilhas” funciona como uma porta de entrada para a ilha mística e movediça proposta pela voz poética de Sultuane. O verso “um lugar de ilhas” deixa clara a ideia de um isolamento introspectivo em um espaço plural e labiríntico. O verso “no lugar das ilhas” nos remete aos mais diversos fluxos de consciência problematizados

pelas dimensões poéticas insulares. A chave poética se dá quando montamos a seguinte sequência de pensamento: “poucas coisas somos/ o lugar das.../ um lugar de.../ no lugar das... ilhas”. Um convite que requer no mínimo a coragem de conhecer mais um universo multifacetado criado pela poeta moçambicana.

Ciclos

Há uma ilha indizível em mim,
o sol queima,
o vento arranca a alma.
Na lua cheia,
levar-te-ei para caminhos assombrosos,
onde há tempestades, furacões e dragões.
(SULTUANE, 2021)

Compondo também a seção primeira *Água*, o poema “Ciclos” retoma toda uma ideia movente pela qual perpassa toda a poesia de Sónia Sultuane. O corpo insular se mistura com o corpo poético, como podemos constatar no verso “Há uma ilha indizível em mim”. Voltando o discurso para a primeira pessoa, a voz poética intimida o leitor a embarcar na viagem introspectiva sugerida pela temperatura do sol e pela força do vento, elementos naturais indissociáveis ao espaço insular híbrido, por conta de um corpo que se deambula sob o comando da lua cheia. Como sabemos, a lua é uma fonte inesgotável de inspiração para Sónia Sultuane e jamais deixaria de ser

invocada como uma musa inspiradora para uma viagem extremamente perigosa: “levar-te-ei para caminhos assombrosos,/ onde há tempestades, furacões e dragões”.

Lugar de silêncios

Lugar de silêncios,
as vozes acontecem,
as histórias repetem-se,
o longe,
vem nas malas dos viajantes,
na rota das suas almas,
acontece a vida, a saudade,
o agora, o amanhã,
esse é o lugar onde
existimos.
(SULTUANE, 2021)

A seção segunda, “Vozes”, é iniciada pelo poema “Lugar de silêncios”. Ironicamente, o silêncio é a primeira manifestação de palavra em um estado insular, o silêncio fala para o nosso interior. Captamos que Sónia Sultuane se apropria das mais diversas sensações de estar em uma ilha para externalizar o magma, que aquece suas mais profundas inspirações. O lugar dos silêncios é administrado pela movimentação sem direção do tempo e pelas malas dos viajantes (metáfora para os aventureiros que embarcam nesta viagem). A vida, a saudade, o agora e o amanhã são os pontos cardeais que mapeiam e orientam os viajantes perdidos neste corpo insular de sensações.

Sou estrangeira

Estrangeira nesta terra,
neste país,
nos lugares em mim,
nos olhares perdidos,
certezas dispersas,
sou alheia à nacionalidade,
sou estrangeira,
num corpo tatuado,
com formato de mapa universo,
leito de saudades,
multidão de pensamentos,
num mundo de sentimentos,
no cosmos que desconheço.
(SULTUANE, 2021)

Ainda na seção “Vozes”, o poema “Sou estrangeira” retoma a ironia e a crítica identitária presentes no poema “Africana” (SULTUANE, 2006, p. 15). O verso “sou alheia à nacionalidade” amplifica a problematização da ideia de pertencimento a um único lugar. As várias exposições de Sónia Sultuane atestam que sua nacionalidade se marca pelo afeto, pelo *déjà vu*, pela reminiscência como se nota nos versos “sou estrangeira/ num corpo tatuado”. As nacionalidades marcam o corpo como uma tatuagem, que com tinta e agulha penetra a carne e se faz em imagem. A nacionalidade é estrangeirismo, olhar perdido, lugares, certezas dispersas, mapa universo, saudades, pensamentos, sentimentos, cosmos; estes são os estados-

nação fragmentados na poesia de Sultuane, nas tantas vozes que se encontram nestas ilhas.

Metamorfozes

Precisamos morrer
para voltar a nascer,
todos os milagres acontecem,
os búzios contam segredos,
na voz do vento,
as lagartas morrem,
para nascerem borboletas.
Voam em silêncio,
sobreviventes do tempo.
(SULTUANE, 2021)

Ainda na mesma seção, o poema “Metamorfozes” revela a voz do sagrado, da espiritualidade, do misticismo, das crenças religiosas. Os versos “Precisamos morrer/ para voltar a nascer” se organizam uma sequência propositalmente construída pela linguagem, ou seja, um verso continua no outro para mostrar como a morte também é uma passagem para outra vida ou outras vidas ou outras ilhas. O verbo no plural marca a coletividade da fé, a qual se consolida no verso “todos os milagres acontecem”. Vida e morte caminham de mãos dadas na poesia de Sónia Sultuane no verso “todos os milagres acontecem”. As vozes dos ancestrais se fazem presentes no verso “os búzios contam segredos”, os ventos que saem das conchas revelam os mistérios para os sacerdotes transmissores do futuro e analistas do passado,

uma prática milenar de adivinhação que agora se imortaliza na voz poética de Sónia Sultuane.

Búzios

Os búzios guardam e contam,
lendas enfeitiçadas e perdidas no tempo,
porcelanas azuis,
missangas, cristais,
m'siro,
capulanas,
batuques,
nativas endeusadas,
princesas roubadas,
sinas trocadas.
Quero fugir,
não quero a alma enrolada nas curvas
reboiças, da Ilha alumbrada, ilha
assombrada,
tenho medo da lenda,
contada pela boca dos velhos marinheiros,
dizem que quem chega,
nunca mais parte.
(SULTUANE, 2021)

O poema “Búzios” abre como uma consulta oracular a terceira seção intitulada “Feitiços”. Cada seção desta coletânea funciona como um portal para várias manifestações de um eu que se metamorfoseia em ilha. Os versos “Os búzios guardam e contam,/ lendas enfeitiçadas e perdidas no tempo” comprovam o poder de uma ancestralidade que se mantém viva nas ondas do mar. Os segredos que os búzios revelam só podem interpretados por corpos habitados pelo

divino. Como diria Platão, o poeta é um ser habitado pelo divino, talvez seja por isso que Sónia Sultuane se apropria da sabedoria poética com a finalidade de imortalizar as práticas sagradas de matriz africana. Os versos “porcelanas azuis,/ missangas, cristais,/ m’siro,/ capulanas,/ batuques” denotam a sacralidade dos elementos que simbolizam a presença do sagrado em suas visitas ao plano terrestre. O poder da oralidade se manifesta nos versos “tenho medo da lenda/ contada pela boca dos velhos marinheiros”. Como aspirantes nesta embarcação poética, sabemos do perigo de nos mantermos aprisionados nesta ilha de feitiços.

Feiticeiras encantadas

Em noite de lua cheia,
tanta solidão escondida
chegavam silhuetas disfarçadas de sereias,
ah afinal eram feiticeiras encantadas,
cheiravam a luxúria,
dançavam pelo meu corpo a noite inteira,
faziam-me refém das suas ilhas enfeitadas,
afundavam o meu barco desabitado.

(SULTUANE, 2021)

O poema “Feiticeiras encantadas” mistura erotismo e misticismo coordenados pela força da lua cheia. Os versos “ah afinal eram feiticeiras encantadas,/ cheiravam a luxúria,/ dançavam pelo meu corpo a noite inteira” comprovam a ideia de um corpo habitado por outros espíritos em um ritual de encantamento. O “barco desabitado” funciona como uma

metáfora para o perigo que se corre ao querer desvendar mistérios em lugar de respeitá-los e os sentir vivos em tantos corpos que habitam tantas ilhas.

Com as suas mãos

Voltei ao útero da minha mãe,
três décadas
conheci um lugar silencioso,
mas onde o silêncio não existe,
a miséria, a fome, a tragédia humana,
venerei a liberdade que afinal tinha,
estão sempre amarradas em sorrisos,
as palavras vazias,
ali,
nada é maior,
que ser humanamente gigante.
vi-os carregar nas suas malas,
somente batas brancas,
e um pequeniníssimo punhado de ilusões,
não há causa maior nem menor,
vão curar com as suas mãos,
as feridas de quem os magoou,
deixam vazios,
os colos das mães, dos seus filhos,
deixam lugares vazios,
nas vidas dos seus amores,
saudades é o verbo
mais inaudito,
faz-se tanto silêncio,
nas paredes das suas casas,
deixadas pela sua ilha materna.
(SULTUANE, 2021)

O poema “Com as suas mãos”, integra a quarta seção intitulada “Brisa da alma”, e mostra um exercício poético

conduzido pelo tema da maternidade, uma recorrência em todo o conjunto da obra de Sónia Sultuane. Todas as coletâneas de poesia da escritora trazem poemas sobre a maternidade. O poema em tela apresenta uma maturidade tremenda em relação ao ato de gestação, principalmente no verso que inicia o poema "Voltei ao útero da minha mãe". Este verso intensifica a complexidade da então viagem sugerida por Sultuane às ilhas mais introspectas de nossa existência. Voltar ao útero é buscar abrigo, acalento, sentimento, reconhecimento, memórias, nacionalidades, territorialismos, culpas, desculpas, arrependimentos, justificativas para existir. Os versos "nada é maior,/ que ser humanamente gigante" cobram da contemporaneidade a cumplicidade das espécies, a gratidão por existir, o respeito à natureza, o amor ancestralidade, a paz entre as nações. Os versos "vão curar com as suas mãos,/ as feridas de quem os magoou" enfatizam a necessidade de aprimoramento humano e de cura espiritual. A "ilha materna" é o portal do amadurecimento.

Uma mala feita de palavras

O que importa é a viagem,
sem destino sem porquês,
encho uma mala,
cheia de palavras,
para vestir-me sempre,
em qualquer vocabulário,
pelo universo.
(SULTUANE, 2021)

Compondo a última seção intitulada “Palavras”, o poema “Uma mala feita de palavras” funciona aqui como um convite para embarcar nesta viagem ousada proposta por Sónia Sultuane. O verso “O que importa é a viagem” rememora um conselho pessoa no de que navegar é preciso para movimentar as representações que se fazem presentes nestas ilhas encantadas. Mantendo o contrato com o Projeto Walking Words/Palavras que andam, a voz poética aqui enche sua mala de palavras para se espalhar em forma de poesia pelo mundo.

O lugar das ilhas é um pentágono composto de água, vozes, feitiços, brisa de alma e palavras. Aqui sou um naufrago submerso nas águas de tantas ilhas que ainda não descobri, enfeitiçado pela espiritualidade, conduzido por vozes da ancestralidade, confortado pelas brisas da alma e refém das palavras de uma ilha chamada Sónia Sultuane.

Boa viagem!

Referências

SULTUANE, Sónia. *Imaginar o poetizado*. Maputo: Ndjira, 2006.

SULTUANE, Sónia. *O lugar das ilhas*. Maputo: Fundação Leite Couto, 2021.

Sávio Roberto Fonseca de Freitas

Doutor em Letras pela UFPB.

Professor de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras do CCAE-UFPB (Campus IV) e do Programa de Pós-Graduação em Letras do CCHLA-UFPB (Campus I).

Líder do Grupo de Pesquisa MOZA (Moçambique e Africanidades), cadastrado no CNPq e certificado pela UFPB.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6320246955492429>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7541-3377>.

E-mail: savioroberto1978@yahoo.com.br.